

folha de rosto

Revista de Biblioteconomia e Ciência da Informação

Dos Caminhos e Descaminhos da Biblioteca Escolar: reflexões e perspectivas de atuação no âmbito da mediação da leitura e formação de leitores¹

Carine Rodrigues Nogueira
Jonathas Luiz Carvalho Silva

ARTIGO

Resumo

O presente artigo tem como objetivo abordar sobre o papel mediador da biblioteca escolar e suas contribuições para o desenvolvimento e mediação da leitura na escola. Trata-se uma pesquisa de cunho bibliográfico porque permite o contato com o referencial teórico, uma vez que é parte das leituras, análises e fichamentos de documentos para pesquisa em andamento sobre o tema da biblioteca escolar e medição da leitura para formação de leitores em escolas públicas de ensino médio. Espera-se com este trabalho trazer encaminhamentos para uma proposta de atuação voltada para as bibliotecas escolares a partir de um conjunto de categorias, tais como: dos sujeitos da informação que compõem o ambiente da biblioteca escolar e algumas de caráter temático acerca das práticas estabelecidas no âmbito da mediação da leitura desempenhada pela biblioteca escolar.

Palavras-chave: Leitura. Mediação da Leitura. Formação de leitores. Biblioteca Escolar.

Extension Project "Information Without Borders": Experience Report

Abstract

The present article aims to address the mediating role of the school library and its contributions to the development and mediation of reading in school. It is a bibliographical research because it allows the contact with the theoretical reference, since it is part of the readings, analyzes and records of documents for research in progress on the theme of the school library and measurement of reading for the formation of readers in schools Public schools. It is hoped that this work will lead to a proposal for action on school libraries based on a set of categories, such as: the information subjects that make up the school library environment and some thematic about the practices established in the Reading mediated by the school library.

Keywords: Reading. Mediation of Reading. Training of readers. School Library.

1 Introdução

A aquisição e desenvolvimento da leitura acontece, em grande parte, no espaço escolar e por isso esse processo acaba ficando sob a tutela de professores. Um dos ambientes que por natureza auxiliariam neste processo deveria ser a biblioteca escolar, pois, além de ser um centro de informação é antes de tudo um lugar de interação social, ou seja, é potencialmente um lugar de construção do conhecimento e de aprendizagem. Entretanto, o entendimento sobre o porquê e para que da biblioteca escolar se faz necessário se há o desejo de construir qualquer proposta pedagógica de atuação sustentável que vise à aprendizagem.

Apesar de ser um tema amplamente discutido, a questão da leitura, da mediação da leitura e da formação do leitor no espaço escolar não se esgota uma vez que os atores envolvidos estão em constante transformação também. Contudo, esse debate

¹ Trabalho premiado no GT 3: Mediação em Centros de Informação, durante a VIII Semana Acadêmica de Biblioteconomia (SEABI) de 2016.

está muito centrado no espaço específico da sala de aula e na ações que o professor possa vir a ter, enquanto que os demais espaços da escola são vistos muito mais como um recurso do que como geradores de possibilidades. Em Juazeiro do Norte, as escolas estaduais de ensino regular, em sua maioria, contam com espaços chamados de Salas de Leitura – e não bibliotecas de fato, o que já sucinta alguns questionamentos –, todavia, atuam como biblioteca.

Estes espaços operam, em geral, de forma complementar as atividades propostas pelos professores na escola. O acervo é composto em sua maioria de livros literários e não literários (livros de referência principalmente voltados ao trabalho docente e a pesquisa), revistas, dentre outros materiais diversos (como, VHS's, DVD's, Xilogravuras). Como material humano contam com professores readaptados, que por alguma razão, normalmente questões de saúde, não têm mais condições de lecionar; são os professores regentes da sala de multimeios.

A organização e dinamização do acervo fica por conta desses professores que em tese devem promover atividades de leitura e acesso a informação, promovendo assim a Biblioteca. Um fator relevante é que estes professores, em tese, não possuem qualquer formação nem conhecimento voltados para o tratamento e uso da informação ou em Biblioteconomia, pois em sendo estes professores da educação básica, a formação que possuem é licenciatura em áreas específicas do currículo base comum.

A reflexão está voltada para a valorização da biblioteca escolar enquanto espaço atuante, pautada na importância desses espaços para a fomento da leitura e nas contribuições que podem oferecer para a escola. Nesse sentido, está ancorada no seguinte questionamento: Quais os papéis das biblioteca escolar considerando suas perspectivas de atuação para mediação e formação de leitores no âmbito das escolas públicas estaduais?

Trata-se de uma pesquisa exploratória e descritiva que, como exploratória permite uma maior familiaridade com o problema descrito e facilita a proposição de hipóteses (GIL, 2009); e como descritiva, pois garante a descrição das características do objeto estudado e o estabelecimento de variáveis (GIL, 2009). Como procedimento traz a pesquisa bibliográfica, com análise de conteúdo que permite realizar categorizações que viabilizarão um melhor entendimento dos dados e delineamento de cunho qualitativo.

Este é um estudo em andamento que tem como objetivo abordar sobre o papel mediador da biblioteca escolar e suas contribuições para o desenvolvimento e mediação da leitura na escola. Pretende-se também contribuir para construção de pesquisa sistemática mais ampla sobre qual o papel mediador da biblioteca escolar e estabelecer uma investigação com base na correlação entre estes espaços no ambiente educacional e os discursos dos protagonistas da educação e mediação da leitura em âmbito regional, para assim pensar numa proposta de atuação da BE no contexto da mediação e formação de leitores aplicável às Escolas Públicas Estaduais de Juazeiro do Norte – CE. No que diz respeito ao *corpus* investigativo, compreende algumas escolas da rede estadual que fazem parte da CREDE 19 para permitir uma visão geral do problema em nível regional.

2 Leitura - Consciente ou Inconsciente, um Exercício Constante

A reflexão sobre a leitura nos leva a perceber que o ato de ler pode ser analisado enquanto um processo mecânico, porém não deve se resumir a tal. Implica um processo de interpretação, apropriação e (re)significação que transforma o indivíduo e a sua relação com o todo. Ler, em sentido amplo, ocorre no instante em que se abrem os olhos para o mundo. Enquanto recém-nascido, a intensidade da luz e os movimentos à volta não fazem muito sentido, assim como as formas das coisas. Aos poucos a visão vai sendo treinada para identificar, classificar e (re) utilizar esse conhecimento sobre as coisas vistas.

Vicent Jouve (2000) define o processo da leitura em cinco dimensões: um processo neurofisiológico que corresponde ao ato físico próprio, uma atividade de percepção; um processo cognitivo que é relativo à compreensão; um processo afetivo, ou seja, emocional, caracterizado como essencial para a leitura de ficção; um processo argumentativo que é a análise do texto; um processo simbólico, ligado à noção de sentido e presente no imaginário do indivíduo.

O processo de identificação e significação das coisas necessita, como qualquer outro, de tempo. É neste período que o sujeito se questiona sobre o que vê, busca informações no seu arquivo pessoal (a memória) e no caso de não possuir dados, busca fora de si mesmo. Dessa forma, uma ação puxa a outra até levar o sujeito que vê a *enxergar*. Na leitura o processo é semelhante. É a curiosidade, associada à necessidade do indivíduo, que o leva a ler. O que antes eram manchas, contornos destituídos de sentido vão, aos poucos, sendo embutidos de significado.

Falando em leitura no sentido tradicional, a de textos impressos, as “manchas” vão sendo identificadas como letras, são reconhecidas nas palavras e o domínio está completo quando, além de reconhecer as letras, o sujeito consegue utilizá-las para também formar palavras outras. Neste estágio ele pode se considerar *alfabetizado*; ele vê. O estágio de *enxergar* é um pouco mais demorado porque vai depender, quase que unicamente, do indivíduo. O fato de ser um sujeito alfabetizado e que consegue fazer pleno uso das suas habilidades não faz dele um leitor propriamente dito; um leitor competente. O ato de ler incorpora práticas e gestos, ao mesmo tempo em que exige boa diversidade de textos.

Martins (1994) afirma que os pesquisadores da linguagem apontam para o aprendizado da leitura pela própria leitura, indo além ao considerar as vivências do sujeito como fator potencial. Certamente aprendemos a ler a partir do nosso contexto pessoal, dos estímulos que recebemos e o que aproveitamos dos mesmos para construção do nosso saber. Deste modo, são nas experiências que temos durante a vida que vamos apresentando interesse - ou não - pela leitura.

Ainda lembrando Martins (1994, p. 17), a leitura é “a necessidade se transformando em esforço para alimentar o imaginário, desvendar os segredos do mundo e dar a conhecer o leitor a si mesmo através do que lê e como lê”. E esse trabalho de conhecimento e construção só pode ser fruto de relações do indivíduo com o todo (o mundo) e vice-versa. No mesmo estudo a pesquisadora aponta que a necessidade é transformada segundo as influências do que chama de *condições internas e subjetivas*, e da interação destas com outras, as *condições externas e objetivas*. Sendo da constante relação desses dois contextos que a leitura se desencadeia e se desenvolve.

É importante que esta prática seja encarada como uma atividade agradável para que possibilite descobertas e possa construir um sujeito. Quando a atividade de ler se resume para o indivíduo a obrigação, sua prática cai bastante, talvez por isso a difícil relação com a leitura na escola. Mas se essa atividade é encarada com prazer, aí temos um leitor efetivo (a condição tão buscada hoje pelos educadores de forma geral). Conforme Durban Roca (2012 p. 8), “a escola possui uma grande responsabilidade. A leitura apresenta-se como a grande ferramenta da qual dispomos para nos apropriarmos da linguagem e ativarmos o pensamento reflexivo”.

Em contrapartida, ainda se fala muito acerca da enorme defasagem da proficiência em leitura dos estudantes do ensino médio, principalmente os ingressantes do 1º ano. Os resultados das avaliações externas em sentido amplo como o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) sustentam a afirmação acima ao surpreender com o alto índice de redações nota zero, isso sem contar o tangenciamento, que na maioria das vezes ocorre devido a problemas de interpretação do tema proposto.

A nível mais local temos o Sistema Permanente de Avaliação Externa do Ceará (SPAECE), que por meio de testes de desempenho verifica a proficiência dos estudantes em português e matemática. Os níveis de desempenho avaliados pelo SPAECE estão divididos em quatro grupos: muito crítico, crítico intermediário e adequado. A saber, em Língua Portuguesa são 23 descritores distribuídos em seis habilidades as quais são usadas para avaliar o estudante; em todas é a proficiência em leitura que será testada.

Espera-se que este aluno venha com uma formação e propensão à leitura. Infelizmente não é o que encontramos. A Lei de Diretrizes e Bases (LDB) orienta acerca da responsabilização dos níveis da educação básica, dividindo entre municípios e Estado a oferta de ensino, ficando a cargo do segundo a oferta do ensino médio, dividido em três anos (no Ceará, em outros estados pode haver uma distribuição diferente).

É de se supor que um estudante que cursou os nove anos do ensino fundamental chegue ao ensino médio proficiente nos conhecimentos básico, principalmente no que diz respeito à leitura. A suposição inicial não corresponde à realidade. O estudante que ingressa no 1º ano do ensino médio traz uma defasagem bem considerável. Os resultados apontam para um

considerável índice de alunos que se encontram no nível muito crítico. Em tese, essa defasagem ser corrigida nesse último estágio escolar da educação básica.

Um fato comprovável a partir dos dados do SPAECE² é que os estudantes que ingressam no 1º ano do Ensino Médio geralmente apresentam muita dificuldade com relação a atividade de leitura que exija mais do que a interpretação de elementos explícitos. Essa realidade é corroborada pelo discurso comum entre profissionais da educação de que os alunos não leem e que não gostam de ler (esta é uma frase repetida por diversos alunos, inclusive).

Os dados relativos aos exames externos das escolas fizeram surgir políticas públicas de incentivo à leitura como a obrigatoriedade de bibliotecas nas escolas e programas de distribuição de livros. Campello (2005) inclusive destaca que Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) apontam a relevância da biblioteca para o desenvolvimento de um programa de leitura eficiente, devendo, assim facilitar o acesso ao material disponível e estimular o uso desse espaço por ser lugar de permanente aprendizado.

Entretanto, assegurar o acesso dos estudantes a uma boa quantidade e diversidade de livros, por si só, não assegura o êxito na formação do leitor. Sem dúvida representa uma conquista importante o ato de incrementar a presença do livro na escola [...]. Para que o interesse pela leitura ocorra, faz-se necessário apresentar os livros aos leitores em formação. Há que se investir na mediação da leitura (SILVA; FERREIRA; SCORSI, 2005. p. 51-52).

A biblioteca escolar possa ser um grande diferencial no processo de construção do leitor crítico, mas, conforme nos aponta Carvalho (2005, p.22),

Sem um quadro de referências culturais compartilhadas, o ato de ler dificilmente significará alguma coisa essencial em sua vida. A biblioteca escolar pode, sim, ser o local onde se forma o leitor crítico, aquele que seguirá vida afora buscando ampliar suas experiências existenciais através da leitura. Mas, para tanto deve ser pensada como espaço de produção cultural em que crianças e jovens sejam criadoras e não apenas consumidoras de cultura.

A leitura é uma atividade individual, porém a compreensão e aceitação de textos recebe as influências do meio, ou seja, das experiências que tem. Fornecidas as condições para que haja a leitura, o sujeito pode se sentir um leitor, no sentido literal da palavra, quando toma consciência de que gosta de ler e exercita esta ação sem a imposição de terceiros. É quando saberá distinguir o que lhe atrai realmente. Sairá do estado do “eu não gosto de ler” para responder, se indagado, “eu não gosto de ler *isso...*”. E muito provavelmente, passará com maior facilidade por aquelas leituras consideradas por ele menos interessantes, porém, tão importante para ampliar sua visão de mundo.

A discussão aqui apresentada perpassa vários conceitos importantes que contribuem para a análise do problema. O primeiro deles (e que corresponde ao próprio tema de estudo) é quanto a mediação da leitura e da informação. Silva (2012, p. 2) afirma que,

[...] entendemos que a mediação da informação e a biblioteca escolar pensadas de forma coletiva podem promover um conjunto de contribuições para a comunidade escolar valorizando a construção social do conhecimento, assim como valorizando as questões sociais.

O que leva consequentemente a reflexão sobre letramento enquanto “prática que se manifesta nas mais diferentes situações, nos diversos espaços e nas diferentes atividades de vida da pessoa, permeado por condições reais” (LEAL, 2004. p. 53), assim como acerca de algumas práticas pedagógicas como a teoria construtivista, sócio-interacionista.

3 O Ambiente da Biblioteca Escolar

A história das bibliotecas nos mostra a preocupação da humanidade com o registro, preservação e organização do conhecimento, desse modo, foi associada a uma noção de status social elevado, sendo o livro seu principal símbolo. Popularmente seu significado mais conhecido seria, a grosso modo, uma coleção de livros e suportes informacionais e/ou instituição encarregada por esta coleção. Visões como esta influenciam a forma como a sociedade se relaciona com este

² VER: <http://www.spaece.caedufif.net/apresentacao-2/>

espaço, trazendo uma certa limitação acerca das potencialidade que a biblioteca possui. Atualmente um novo olhar vem sendo atribuído à Biblioteca a fim de transpor essa visão mais reducionista, a ideia de unidade de informação. Edson Nery da Fonseca (2007), Ronaldo Vieira (2014) e Jonathas Carvalho (2010; 2016) são alguns estudiosos que trabalham esta vertente.

A biblioteca é considerada o principal instrumento do bibliotecário, apesar não ser o único. Sendo assim, o bibliotecário é aquele responsável por este espaço, seja ele físico ou virtual. Das funções do bibliotecário, destacam-se por exemplo a preservação dos registros, organização e dinamização da informação e disseminação da informação, sendo assim é função deste profissional gerenciar estes processos, preservando a “tríade preservação – organização – disseminação”, atuando como um profissional da informação (SILVA, 2010). Isso nos lembra a visão antropobibliocêntrica proposta por Edson Nery da Fonseca sobre a missão do bibliotecário, que propõe uma ideia de biblioteca como sendo uma “assembleia de usuários da informação. Conseqüentemente, ao bibliotecário compete não mais classificar e catalogar livros [...] e sim orientar usuários, fornecendo-lhes a informação que seja do interesse de cada um” (FONSECA, 2007, p. 50).

A biblioteca escolar no Brasil remonta o período colonial com as bibliotecas dos jesuítas e assim continuou ligada as instituições de ensino religioso até 1835, quando Marquês de Pombal proíbe a instalação de novos conventos e por conseguinte de bibliotecas que funcionavam como centros de cultura e ensino. Depois de um longo período volta ao cenário a partir das transformações que o ensino de Biblioteconomia passou, por exemplo, com o desenvolvimento das bibliotecas especializadas.

Atualmente, tanto no ensino básico seja público ou privado, seja no ensino superior ou técnico, haver uma biblioteca é premissa básica. Nas instituições de ensino superior a biblioteca é a responsável por quase metade da nota de avaliação do MEC, o que exige uma constante atualização do seu acervo e dinamização deste e de suas funções a fim de melhor atender a seu público. Nas palavras de Edson Nery da Fonseca (2007, p. 53), a biblioteca escolar “tem o objetivo específico de fornecer livros e material didático tanto a estudantes como professores. Ela oferece infraestrutura bibliográfica e audiovisual do ensino fundamental e médio”.

Nas escolas públicas de ensino básico estaduais aqui no Ceará não funciona exatamente assim. Até mesmo a nomenclatura é algo que chama atenção, pois as bibliotecas são oficialmente chamadas de *centros de multimeios*. Em tese, essa proposta seria muito interessante, pois congregaria várias ferramentas pedagógicas funcionando como um verdadeiro centro pedagógico. Infelizmente da ideia para a prática algo ficou pelo caminho e as bibliotecas escolares foram ficando cada vez mais abastecidas de material escolhido a esmo e conseqüentemente sem uso, além de com profissionais pouco familiarizados com este ambiente.

Segundo Neves (2011, p. 31),

A tentativa de identificar, ao longo da história da educação escolar ocidental, o momento em que a Escola passa a considerar a existência e o uso da Biblioteca e, em consequência, estruturar-se para abrigá-la e mantê-la à disposição do processo ensino-aprendizagem, tem evidenciado que, na história da Pedagogia, esta preocupação não tem sido crucial.

Essa explanação é necessária para entendermos um pouco da atual situação da BE nas escolas públicas estaduais do Ceará. Ocorre que estudantes deste nível deveriam estar familiarizados com a biblioteca e fazer uso desse espaço plenamente. Entretanto, a frequência do público escolar na biblioteca está intrinsecamente ligada as atividades que são propostas em sala, fora isso a frequência se torna bem baixa, somando-se também as poucas iniciativas de atividades que partam da própria biblioteca escolar para seu público usuário.

Maroto (2012, p. 66) discutindo a questão da BE alerta que,

Os serviços bibliotecários são atividades praticamente ausentes das escolas brasileiras. A nossa prática cotidiana com escolas públicas de educação básica tem nos mostrado que a grande maioria dos professores não faz, ou não sabe fazer, uso do recurso bibliográfico e, portanto, não abre espaço para ele na escola. E hoje, com a invasão e o avanço dos meios de comunicação de massa, principalmente a televisão e o computador, a desvalorização e o abandono das bibliotecas escolares têm sido cada vez maiores. Elas são abandonadas pelos professores, pelos bibliotecários e também pelos alunos, que, por

não serem incentivados nem orientados a fazerem uso delas, estão ficando cada vez mais seduzidos e “massificados” pelos produtos da indústria tecnológica.

Diante do exposto, há um indício de explicação para os resultados das avaliações externas não apresentarem os resultados que seriam o desejado. Não uma questão de apontar a biblioteca como salvadora da educação, até porque este não existe. O que é preciso entender é que cada um tem o seu papel de relevância, suas responsabilidades neste cenário. No caso das BE das escolas públicas em Juazeiro do Norte ainda temos um fator agravante a mais, que é a ausência do profissional bibliotecário que auxilie neste processo.

O subdesenvolvimento começa nas escolas sem bibliotecas adequadas, um espaço ausente que dá o caráter da vida escolar brasileira, ainda mantida sob a tutela de professores, tão impositivos quanto mal remunerados. Enfim, o subdesenvolvimento nacional começa numa escola que, mesmo tendo uma biblioteca, não sabe o que fazer com ela, pois dentro do sistema de ensino que prevalece não há lugar para ela. A aversão pela leitura começa no curso básico e se estende até a universidade (MILANESI, 1985. p.86).

A fala de Milanesi (1985) explicita bem a relação de descaso com a biblioteca. O resultado não poderia ser outro: a biblioteca escolar não se entende enquanto ator no cenário educacional porque para isso é necessário que não seja vista apenas como extensão da sala de aula. A BE deve ser um espaço vivo e atuante, uma vez que pode traçar as suas próprias estratégias em comunhão com o ambiente escolar, instituição que a abriga, num jogo de parceria, senso assim de responsabilidade de todos os que compõem o ambiente escolar. O conceito de Edson Nery é pertinente, mas ficar só nele é manter a visão reducionista que impera sobre a BE.

4 Mediação da Informação Como Estratégia de Atuação na Biblioteca Escolar

O uso do termo *mediação* em Biblioteconomia é bastante contemporâneo, contudo não é exclusividade sua. Há pelo menos uma década mais ou menos a questão da mediação vem sendo amplamente discutida no campo do direito. Na educação, surge como viés pedagógico. Ao que parece, a ideia de mediação está muito ligada a noção de uma prática e pela sua transversalidade, tornou-se difícil uma definição precisa. Ocorre é que tem sido um modismo nas pesquisas científicas, especialmente as voltadas para as ciências sociais.

Na Biblioteconomia a mediação, apesar de não ter um conceito sólido conforme afirma Almeida Júnior (2009), referência no assunto, está relacionada à prática profissional e tem sido vista por alguns teóricos como a oportunidade para o fortalecimento epistemológico teórico e prático da Biblioteconomia e Ciência da Informação.

Pois é um processo que se constitui em um eterno devir teórico-empírico que, além de sólido, por sua finalidade de resolver conflitos de informação, une/liga por sua vez, os processos de produção, organização, representação aos processos de acesso, recuperação, uso, apreensão e apropriação da informação, o que elege a mediação, enquanto *modus operandi*, como um processo vital do paradigma social da CI que envolve dialogicidade e interação permanente (SILVA, 2016, p. 47-48).

A mediação da informação realizada pela biblioteca escolar contribui em um âmbito mais amplo do processo educativo, uma vez que constrói possibilidades de interação entre a informação e o conhecimento e o leitor. Neste sentido, ao refletir sobre a comunicação da informação, sua produção e conseqüentemente seu uso, pode-se pensar, sobretudo, na atuação desta unidade de informação e em seu papel perante a sociedade. Papel este que envolve, desde a mediação da informação, disseminação seletiva da informação, uso de tecnologias até o uso inteligente dessas ferramentas, atividades e aspectos para garantir um processo mais efetivo de mediação.

O conceito clássico de mediação da informação atualmente em uso é o de Almeida Júnior (2009, p. 92), no qual define como,

Toda ação de interferência – realizada pelo profissional pelo profissional da informação –, direta ou indireta; consciente ou inconsciente; singular ou plural; individual ou coletiva; que propicia a apropriação de informação que satisfaça, plena ou parcialmente, uma necessidade informacional.

A mediação da informação está contemplada no paradigma da perspectiva do usuário ou sujeito da informação, podendo acontecer de forma implícita/indireta ou explícita/direta, trazendo a perspectiva de ação cultural ou educativa nos equipamentos informacionais. Como mediação implícita/ indireta entende-se as ações que ocorrem sem a presença do usuário como a seleção, armazenamento e processamento da informação; como mediação explícita/ direta entende-se toda ação que exige a presença do usuário, mesmo que esta não seja física, como por exemplo um atendimento por telefone.

Desse modo estamos sempre falando de uma ação processual e que é de interferência visando atender a uma necessidade do usuário, ou seja, estamos falando que é também uma atividade de *interação*. É dessa relação interativa que surgem as contribuições da BE. Tomemos como ponto de partida o conceito de mediação da informação reformulado pelo próprio Almeida Júnior (2015, p. 25) que sugere ser uma

[...] ação de interferência é realizada em processo, por um profissional da informação e em ambiente com equipamentos informacionais, [...] visando a apropriação de informação que satisfaça parcialmente de maneira momentânea, uma necessidade informacional, gerando conflitos e novas necessidades informacionais.

É interessante ver que nesta reformulação há destaque para o caráter efêmero da necessidade informacional, e que uma vez atendida ela vem de forma a gerar novas curiosidades, novas necessidades informacionais. Este é um nicho especial de atuação para a BE, que pode promover diversas atividades de leitura e disseminação da informação, porém sem o caráter de atividade escolar característicos das propostas pelo professor em sala de aula.

5 Considerações Finais

Dialogando com Almeida Júnior (2015, p. 16) ao afirmar que, “mediação não é um momento, mas um processo”, acredita-se que a biblioteca escolar faz parte desse processo. Pensar a mediação voltada para as práticas leitoras na biblioteca escolar é crucial para que se possa potencializar a atuação desta unidade de informação e, sobretudo, para que se possa minimizar os indicadores negativos no tocante às habilidades e práticas leitoras no ensino médio.

Neste caso, voltando para os aspectos que envolvem o letramento, ou seja, a variação de espaços, situações e atividades, pode-se inferir que a biblioteca escolar é um espaço legítimo para a manifestação dessa prática. E que através de atividades planejadas e com profissional qualificado, a biblioteca escolar pode auxiliar diretamente no desenvolvimento de práticas leitoras. Práticas essas articuladas com a informação e o seu uso na sociedade.

Para isso é necessário primeiramente a legitimação da BE pela sua comunidade de usuários da informação e isso ocorre na medida em que se estreitam as relações entre este ambiente e os sujeitos da informação e a instituição educacional que a abriga. Outro ponto importante observado é que a ausência do bibliotecário nas bibliotecas escolares em escolas públicas contribui para essa inferiorização da BE. A parceria entre os responsáveis por esta unidade informacional se faz urgente para buscar amenizar essa realidade e posteriormente talvez se perceba que a presença efetiva do profissional bibliotecário é também uma necessidade.

Falando em parceria, a responsabilidade pela biblioteca escolar, conforme foi apontado, não é só de quem está diretamente atuando na biblioteca, mas de vários atores que interferem neste espaço. As bibliotecas escolares precisam estar num diálogo de proximidade com as coordenações escolares e demais professores para construir em comunhão uma proposta de atuação pedagógica que respeite as suas características e que atendam as demandas tanto dos usuários como na escola.

Referências

ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. Mediação da informação: um conceito atualizado. In: BORTOLIN, Sueli; SANTOS NETO, João Arlindo dos; SILVA, JOVILSON José da. (Orgs.). **Mediação oral da informação e da leitura**. Londrina: ABECIN, 2015. p. 9-32.

_____. **Mediação da leitura e múltiplas linguagens**. Tendências de Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação. Brasília, v. 2, nº 1, p. 89-103, jan/dez. 2009. Disponível em: <http://inseer.ibict.br/ancib/index.php/tpbci/article/view/17/39> Acesso em: 20 ago. 2016.

- CAMPELLO, Bernadete. Biblioteca e Parâmetros Curriculares Nacionais. In: ____; et al. **A biblioteca escolar: temas para uma prática pedagógica**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. p. 17-20.
- CARVALHO, Maria da Conceição. Escola, Biblioteca e Leitura. In: ____; et al. **A biblioteca escolar: temas para uma prática pedagógica**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. p. 21-24.
- DURCAN ROCHA, Glòria. **Biblioteca escolar hoje: recurso estratégico para a escola**. Porto Alegre: Penso, 2012.
- FONSECA, Edson Nery da. **Introdução à biblioteconomia**. 2. ed. Brasília: Briquet de Lemos, 2007.
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2009.
- JOUVE, Vicent. **A leitura**. São Paulo: UNESP, 2002.
- LEAL, Leiva de Figueiredo Viana. Sujeito letrado, sujeito total: implicações para o letramento escolar. In: MELLO, Maria Cristina de; RIBEIRO, Amélia Escotto do Amaral. (Orgs.). **Letramento: significados e tendências**. Rio de Janeiro: WAK, 2004.
- MAROTO, Lucia Helena. **Biblioteca escolar, eis a questão! Do espaço do castigo ao centro do fazer educativo**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.
- MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. 19. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- MILANESI, Luís. **O que é biblioteca**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- NEVES, Iara Conceição Bitencourt. Bibliotecas: leituras, leitores, bibliotecários: abordagem à teoria da ação comunicacional de Adriano Rodrigues. In: CASTRO FILHO, Cláudio Marcondes de; ROMÃO, Lucília Maria de Souza (Org.). **Diretrizes sobre biblioteca escolar – palavras em movimento**. Ribeirão Preto: Alfabeta, 2011.
- SILVA, Jonathas Luiz Carvalho. **Tópicos em biblioteconomia e ciência da informação: epistemologia, política e educação**. Rio de Janeiro: Agência Biblioo, 2016.
- ____. A mediação da informação como prática pedagógica no contexto da biblioteca escolar: algumas considerações. **Biblioteca Escolar em Revista**, Ribeirão Preto, v. 1, n. 2, p. 1-30, 2012. Disponível em: <http://revistas.ffclrp.usp.br/BEREV/article/viewFile/128/pdf> Acesso em: 29 jan. 2016.
- ____. **Uma análise sobre a identidade da Biblioteconomia brasileira: perspectivas históricas e objeto de estudo**. Olinda: Livro Rápido, 2010.
- SILVA, Lillian Lopes Martins; FERREIRA, Norma Sandra de Almeida; SCORSI, Rosália de Ângelo. Formar leitores: desafios da sala de aula e da biblioteca escolar. In: SOUZA, Renata Junqueira de. (Org.). **Biblioteca escolar e práticas educativas: o mediador em formação**. São Paulo: Mercado das Letras, 2009. p. 49-68.
- VIEIRA, Ronaldo da Mota. **Introdução à teoria geral da biblioteconomia**. Rio de Janeiro: Interciência, 2014.

Dados dos autores

Carine Rodrigues Nogueira

Mestranda em Biblioteconomia, pela Universidade Federal do Cariri (UFCA). Graduada em Letras com ênfase em Língua Portuguesa e Especialista em Ensino da Língua Portuguesa e Arte Educação, pela Universidade Regional do Cariri (URCA). Professora de Língua Portuguesa e Srte da Secretaria de Educação do Estado do Ceará (SEDUC); Professora Supervisora do Programa Institucional de Iniciação à Docência (PIBID) de Música, da UFCA/Colégio Tiradentes.

rodrigues.carine@gmail.com

Link para o lattes: <http://lattes.cnpq.br/1843747941427506>

Jonathas Luiz Carvalho Silva

Professor Adjunto do Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Cariri (UFCA); Doutor em Ciência da Informação, pela Universidade Federal da Bahia (UFBA); Mestre em Ciência da Informação, pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB); Bacharel em Biblioteconomia, pela Universidade Federal do Ceará (UFC).

jonathascarvalhos@yahoo.com.br

Link para o lattes: <http://lattes.cnpq.br/2376636144965734>



Centro de Ciências Sociais Aplicadas
Curso de Biblioteconomia

Este periódico é uma publicação do Curso de Biblioteconomia da [Universidade Federal do Cariri](http://www.ufca.edu.br) em formato digital e periodicidade semestral.